

ESPAÇO E LUGAR

relações impossíveis com a possibilidade de nomear

Rodrigo Guimarães
UNIMONTES

RESUMO

Este ensaio busca problematizar os conceitos de *espaço* e *lugar* na literatura contemporânea a partir das reflexões de Gilles Deleuze sobre os processos de *desterritorialização*, *mapas* e *dobras*, e do pensamento de Jacques Derrida sobre *khôra*, o *não-lugar* da linguagem, uma das formulações de maior complexidade de toda a “teoria” da desconstrução.

PALAVRAS-CHAVE

Espaço. Lugar. Literatura contemporânea.

Somente vós tendes lugar e podeis dizer
ao mesmo tempo o lugar e o não-lugar.
Em verdade, por isso,
vou devolver a vós a palavra.

Timeu. Sócrates

Há muito que as organizações mortuárias que buscavam obturar conceitos como espaço, lugar, local e território perderam sua eficácia diante de uma nova modalidade de *solicitação* (etimologicamente, mover, abalar o todo).

Ainda hoje *espaços* e paisagens inóspitas como os desertos, as regiões polares e as selvas abrigam as mais variadas ancoragens do campo imaginário. Essas paisagens cadáveres ou turbilhonadas de vida inumana constituem cenários heterotópicos de exceção em que se destaca a primazia dos processos de ausência projetados nas regiões acefálicas em que a Lei, o Estado e o Nome se encontram supostamente nulificados.

É diante desse *lôcus* fantasmático, que hospeda diferentes inserções duais, que o pensamento da “desconstrução” ganha nova textura nas formulações à maneira da máxima de Simon Schama: “(L)andscape is the work of the mind”.¹ A Patagônia, por exemplo, nas reflexões de Raul Antelo, ainda que se constitua como significante vazio e local de ausência, “é apreendida como espaço exterior, heterogêneo, mas que produz efeitos no sistema estatal-nacional, suplementando-o”.²

¹ O enunciado de Schama evoca algumas possíveis leituras, dentre elas: “Paisagem é o trabalho da mente”; ou ainda: “e escapar é o trabalho da mente”.

² Cf. ANTELO. Sentido, paisagem, espaçamento, p. 18.

Gabriela Nouzeilles, por sua vez, em seu ensaio sobre a Patagônia, intitulado “Heterotopías en el desierto”, assinala a fragilidade das formulações que delimitam o conceito de *espaço* a uma dimensão abstrata e geométrica, e o de *lugar* como unidade espacial híbrida, atravessado pelas configurações históricas e pelos artefatos culturais demarcados por sujeitos sociais posicionados em suas experiências e aspirações.

Ao observar que a heterotopia não está necessariamente ligada a nenhuma forma de paisagem, Michel Foucault reengendra o *lance* mallarmaico que faz do *espaçamento* um processo que fatura o espaço no qual a palavra poética se instala. Uma vez rompida a aderência da relação especular e congratulatória de tempo e espaço na escrita, a brecha que o espaçamento abre, de forma inassimilável e irreversível, torna-se moeda inaugural do pensamento da desconstrução, sobretudo em *Gramatologia*, obra fundamental na extensa produção de Jacques Derrida.

Esse não-lugar da linguagem é o *lugar* que arruína o espaço comum dos encontros, dos encontros comuns em que as coisas se avizinham sem nenhum delito, sem nada acrescentar no “algo” de seu barro. Mesmo sem as facilidades dos processos de reapropriação e de previsão do desfrute, o que se aloja no *não-lugar* da linguagem não são as formas de maledicência do espaço semântico que se referem a alguma intransitividade absoluta (no sentido metafísico). Ao contrário, quando se “criam” novas impossibilidades, simultaneamente inauguram-se novos possíveis. Ou, em outra coloração de feição deleuzeana: “Falo do que não sei em função do que sei”.³ Mas trata-se de um falar muito específico, um modo de uso da linguagem que desequilibra infinitamente o campo dos saberes e seus endereçamentos a territórios rigidamente circunscritos.

Por isso a importância do conceito de desterritorialização, que, indubitavelmente, trata de uma das elaborações mais profícuas que Gilles Deleuze elaborou com Félix Guattari. Por certo que os autores de *Mil platôs* têm uma predileção declarada pelos espaços em que não se identificam as marcas ou as fronteiras, tais como o oceano, a estepe, os pólos e o deserto. Esse espaço *liso*, sem pontos e trajetórias definidas, é evocado por um pareamento com a imagística *zen* em que “a flecha já não vai de um ponto a outro, mas será recolhida num ponto qualquer, para ser relançada a um ponto qualquer, e tende a permutar com o atirador e o alvo.”⁴

Verifica-se aí não só uma paisagem em movimento, mas também uma paisagem que “só aparece no movimento”, ação esta que desloca incessantemente atirador, alvo e a própria linguagem. Assim, as instâncias escritor e paisagem são parcialmente desterritorializadas: “Escrever é também tornar-se outra coisa que não escritor” e certas paisagens “não estão fora da linguagem, elas são o seu fora”.⁵ “Ser” o *fora* da linguagem não é o mesmo que “estar” fora dela (noção ainda comprometida com o espaço demarcado pela divisa da fronteira onde se denotam o dentro e o fora). Ser o *fora* implica uma contínua desterritorialização de um plano sobre o outro em um processo de inserções mútuas em que o espaço *liso* (não topográfico) é remarcado pelo espaço *estriado* (métrico, estruturado) e vice-versa.

³ Cf. DELEUZE. *O abecedário de Gilles Deleuze*, p. 8.

⁴ Cf. DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, v. 5, p. 47.

⁵ Cf. DELEUZE. *Crítica e clínica*, p. 16.

Diante do exposto, o *espaço* acrescenta-se ao espaço em pressuposições recíprocas, onde se vê uma redistribuição dos impasses mediante uma concepção cartográfica e não arqueológica. Ao invés da relação mapa-território, vê-se um intercâmbio de mapas que se justapõem. Isso não quer dizer que nas formulações deleuzeanas as paisagens reais, as pessoas e os objetos sejam subtraídos de sua realidade concreta, e sim que os “mapas” são manuseados de maneira a realçar os deslocamentos, os trajetos e os devires, e não simplesmente identificar limiares e clausuras designados pelas verticais de gravidade vetorizadas pelas coisas ou nelas enraizadas.

Em *Lógica do sentido*, um dos primeiros livros de Gilles Deleuze, já se evidenciam algumas de suas formulações que enfeixarão a concepção de *espaço* e *território* em *Mil platôs*. Ao apontar e relacionar séries de significantes, Deleuze identifica termos pertencentes a duas séries distintas, que agem como uma “instância paradoxal”, capazes de fazer um agrupamento sógnico deslizar sobre o outro. Na realidade, há um duplo deslizamento de uma série sobre a outra: “da instância paradoxal é preciso dizer que não está nunca onde a procuramos e, inversamente, que nunca a encontramos onde está.”⁶ Ela *falta em seu lugar*, diz Deleuze aludindo ao paradoxo de Lacan, o que implica uma espécie de *falta* em relação à sua identidade e equilíbrio. Portanto, essa instância de duas faces apresenta um *lugar* vazio extremamente móvel e um *ocupante* sem lugar. A analogia com o jogo em que se vê a articulação da “casa vazia” com o deslocamento incessante de uma peça conserva, em certos aspectos, resquícios de uma organização submetida a regras e a conceitos comprometidos com polaridades duais, como significante e significado. Mesmo que Deleuze não os articule de forma polar e preserve os limites de indiscernibilidades, é somente em *Mil platôs*, com o conceito de “desterritorialização”, que a autonomia em relação ao “lugar” será inteiramente conquistada. A partir de então, o território pode remeter ao lugar, à linguagem, ao espaço, à subjetividade, à razão, etc. Em outras palavras, os processos de desterritorializações podem ser de diversas ordens, ora recobertos total ou parcialmente por reterritorializações (sobre um ser, um objeto, um sistema...) ora não reterritorializados.

Pode-se supor que uma desterritorialização absoluta abra uma fenda na linguagem à maneira de um “transcendente” ou de uma indiferenciação. Esse mal-entendido é dissipado com um outro conceito, o de *dobra*, criado por Gilles Deleuze em uma de suas últimas obras *A dobra: Leibniz e o barroco*. A dobra repele a fenda e o buraco, afirma Deleuze, e talvez o que mais lhe interessa: a impossibilidade de ser convertida em um universal. Mesmo havendo dobras por toda parte (nos rochedos, nos organismos, no cérebro, no pensamento), “tudo se dobra a sua maneira”,⁷ ou seja, a *dobra* é antes de tudo um diferenciador, um “diferencial”, que mantém interligados os espaços e os territórios sempre pregueando e produzindo singularidades. Essa espécie de *origami* conceitual expropria qualquer formulação que procede mediante oposições, pois a desdobra, afirma Deleuze, não é o contrário da dobra, mas segue-a até outra dobra. A rede de conceitos mobilizada por Deleuze como *espaço* (liso ou estriado), *(des)territorialização* e *dobra* alcançou direito de cidadania na manhã literária das poéticas contemporâneas. Mais do que inovação

⁶ Cf. DELEUZE. *Lógica do sentido*, p. 43.

⁷ Cf. DELEUZE. *A dobra*, p. 61.

lexical e assinatura estética e formal, as elaborações deleuzeanas têm um endereço certo: colocar em jogo consistências e logicidades de um *lugar* sem lugar capaz de hospedar a palavra poética. No entanto, esse processo de deslocamento que ocorre na orla das identidades muito se enriquece quando suplementado pelas elaborações de Jacques Derrida a respeito de *khôra*.

KHÔRA: O LUGAR DA IM-POSSIBILIDADE

A formulação derridiana sobre *khôra* é uma das mais intrigantes em todo o seu pensamento. Trata-se de um pequeno texto cuja primeira versão foi publicada em 1987, com o título breve e seco: *Khôra*. Entretanto, *khôra* já havia feito uma aparição discreta quinze anos antes em *A farmácia de Platão*.

Na *Farmácia*, o *phármakon* (remédio e/ou veneno) é o indecível por excelência que atravessa com proeminência toda a obra, enquanto *khôra* recebe algumas frases apagadas no final do livro. No *Timeu* de Platão, *khôra* pertence a um terceiro gênero, irreduzível, “difícil e obscuro”. O primeiro gênero é o Modelo, acompanhado pelos atributos de “inteligível” e “imutável”. O segundo, a cópia do Modelo, está sujeito ao nascimento e, portanto, é perecível. O terceiro é o suporte, “a nutriz de todo nascimento”. No prefácio do *Timeu*, defrontamo-nos com a embaraçosa explicação de Platão sobre uma das metáforas que *khôra* recebe: “Para conceber o lugar é preciso sempre, por uma abstração quase irrealizável, separar, destacar os objetos do ‘lugar’ que eles ocupam [...] Por conseguinte, só podemos nos representar o ‘lugar’ em si por metáforas”. A tópica platônica para representar *khôra* são muitas: o local, a região, o território, a posição, bem como as figuras (imagens, comparações, metáforas): receptáculo, mãe, ama, molde, matriz ou simplesmente um porta-marcas para todas as coisas, tal como uma substância “desodorizada na qual os perfumistas fixam os odores”. À *khôra*, observa Platão, convém dar sempre o mesmo nome, pois ela não perde suas propriedades, o que equivale a dizer que não se transforma. Mesmo recebendo todas as coisas, *khôra* não se assemelha às coisas que recebe. “Ela é posta em movimento e recortada em figuras pelos objetos que penetram nela e, graças à ação destes, aparece ora sob um aspecto, ora sob outro”.⁸

Seria possível nomear *khôra* como mais um indecível na extensa terminologia derridiana? Por que Derrida sentiu a necessidade de *dar* a *khôra*, quinze anos depois da *Farmácia de Platão*, um desdobramento de setenta e cinco páginas, uma das mais insólitas dos textos da desconstrução?

Derrida não necessitava retornar a Platão para uma releitura anagramática de sua obra ou para elucidar os pontos em que a dialética socrática é insuficiente, em que o *mythos*, ou os indecíveis, excede a regularidade do *logos* platônico. Tudo isso foi feito em *A farmácia de Platão*, e de forma bastante meticulosa. Talvez *khôra* não pertença ao terceiro gênero, e Derrida abre a interrogação para uma possibilidade de um “para além do gênero” que não responde à lógica da exclusão (*nem isto, nem aquilo*) ou à lógica da participação (*isto e aquilo* ao mesmo tempo).

⁸ Cf. PLATÃO. *Timeu*, *passim*.

A respeito de *khôra*, Derrida fala de um tipo de oscilação inusitada, pois ela não se movimenta entre pólos, mas entre gêneros de oscilações, quais sejam, o *nem/nem* da exclusão e o *isto e aquilo* da participação.

Se *khôra* é também “o que recebe” e se subtrai a todas as marcas, a todas as metáforas, então como podemos saber a seu respeito? Pelas formas que a informam, pelas interpretações que depositam sobre ela seus sedimentos, observa Derrida, ou, segundo a linguagem do *Timeu*, pelos *skhemata* (esquemas) que são figuras recortadas e impressas na *khôra*. Ao comparar a *khôra* do *Timeu* com a *khôra* do sol, da *República*, Derrida conclui que ambas designam um lugar, uma localidade, mas sem “nenhuma comensurabilidade possível entre os dois lugares. A própria palavra ‘lugar’ tem um valor semântico tão diferente nos dois casos que se trata mais, como creio e sugeria acima, de uma relação de homonímia, e não de figuralidade ou de sinonímia”.⁹ De acordo com Derrida, não há um processo de metaforização entre elas, nenhuma analogia possível, nem mesmo há a própria *khôra*. O que é desorientador nisso tudo, reconhece o filósofo francês, é a unicidade de seu nome e o que ela coloca em crise, tal como a distinção entre figura e não-figura. No texto *Derrida with his replies*, publicado em 1998, deparamos com uma afirmação de que *khôra* é um nome sem referente (no sentido de coisa ou ente, portanto a palavra *khôra* não é acompanhada pelo artigo definido), “ou mesmo um fenômeno que apareça *como tal*”.¹⁰ Um nome sem referente, no sentido ontológico, é uma “propriedade” comum a todos os indecíveis derridianos, mas o “não ser” de *khôra* se anuncia sem se deixar tomar ou conceber pelas categorias antropomórficas do *dar* e do receber. Derrida tenta defender a difícil posição em que *khôra* não é um sujeito nem um suporte que *daria* lugar: “recebendo ou concebendo, ou até mesmo se deixando conceber”.¹¹ O receber de *khôra* é um receber desapropriante. As determinações nela impressa não se convertem em propriedades, ainda que ela as possua. Por isso, não diz respeito à ausência de suporte nem do suporte como ausência, tampouco da errância, de um lugar móvel e não-marcado.

Derrida observa que Sócrates se coloca entre o discurso da errância (o dos sofistas e dos poetas) e o discurso dos filósofos-políticos (que tem um domicílio fixo). Portanto, a palavra socrática pertence a um terceiro gênero. Ela “não é nem seu endereço nem aquilo que ela se refere”. Embora Sócrates não seja *khôra*, assinala Derrida, ele se assemelha a ela, e, mesmo sem ocupar o *lugar*, “ele responde ao seu nome”.¹² Sócrates se compara a uma parteira que traz à vida, dá lugar, mas sem engendrar. Nesse sentido, a metáfora da mãe perde a sua ancoragem ao tentar representar *khôra* que desloca o lugar da origem.

Khôra recebe tanto o *logos*, o verdadeiro, quanto o *mito* e os discursos impuros, bastardos, híbridos. Por isso a importância de Derrida finalizar o seu texto falando de uma *necessidade* que não é nem geradora nem engendrada, e da inadequação de todas

⁹ Cf. DERRIDA. *Papel máquina*, p. 283.

¹⁰ Ao se referir a *khôra*, Derrida reconhece que herdamos um nome de uma língua natural em seu uso ordinário, “um nome de uma só vez substituível e insubstituível. Ser substituível em sua insubstituibilidade mesma é o que acontece com qualquer singularidade, com qualquer nome próprio”. (Cf. DERRIDA. *Papel máquina*, p. 284.)

¹¹ Cf. DERRIDA. *Khôra*, p. 20. *Khôra* tampouco é um mito, na medida em que não se torna objeto de nenhuma narrativa, quer verdadeira ou fabulosa. *Idem*, p. 55.

¹² Cf. DERRIDA. *Khôra*, p. 45.

as figuras que se referem a *khôra*, justamente por serem extraídas de um cosmos formado segundo um paradigma. A filosofia, segundo Derrida, não pode falar de *khôra* filosoficamente; ela só pode falar do pai e do filho, daquele que tem *lugar*.

Jacques Derrida não apenas termina o seu texto de forma inconclusiva, o que já era esperado a respeito de uma “nominação”, de um “quase nome próprio” (*khôra*), mas recorre a uma longa e deslocada citação do *Timeu* em que Platão anuncia a necessidade de acabar de amarrar a trama do seu raciocínio evocando um retorno ao início: “e tratemos de dar como fim à nossa história uma cabeça que esteja de acordo com o início, a fim de coroar aquilo que precede”.¹³

A escato-arqueologia dessa proposição é certamente o contrário de que fala e faz Derrida em *Khôra*. Ele não coroa o seu texto com uma tentativa de alinhamento entre princípio e fim, não lhe confere uma cabeça, não diz sobre o *lugar* que *khôra* ocupa nem no texto de Platão tampouco em seu pensamento. Apenas indaga: esse *lugar* é nomeável? “E ele não teria alguma relação impossível com a possibilidade de nomear?” Mas esse questionamento vem no início do ensaio derridiano sobre *khôra* – pra ser mais exato, na terceira página de seu texto – e não aparece como problematização que induz a respostas parciais. “Voltemos ao início”, diz o *Timeu*. A audácia consiste em remontar aquém da origem, afirma Derrida. Não voltar, mas *remontar*. O que poderia estar aquém da origem? Seria fácil recorrer aos textos anteriores de Derrida para responder a essa indagação e evocar toda a cadeia de indecidíveis, o *rastró*, a *différance* e tantos outros, tudo que sustenta o jogo do fort/da psicanalítico, da presença/ausência. Não. Em *Khôra*, Derrida sequer recorre ao feixe dos indecidíveis, nem os cita (exceto quando uma breve alusão ao *espaçamento*), nem mesmo utiliza os movimentos e operações que os indecidíveis executam. Sequer diz de alguma operação de *khôra*; ao reverso, apenas que ela oscila entre dois gêneros de oscilação, a dupla exclusão e a participação. Nega-lhe qualquer circunscrição tópica, e vai além de Platão ao desconstruir seu estatuto de receptáculo. Não teria ido além de Derrida? Indubitavelmente não se trata de Derrida contra Derrida, infiel a seu discurso, pois a fidelidade só faz sentido de acordo com a concepção do *logos*, da filiação ao pai ou a si mesmo (como representante do *logos*).

Sim. Derrida foi além de sua assinatura, ultrapassou a deriva textual da disseminação, excedeu à desconstrução. Mas como ultrapassar a desconstrução se ela não segue nenhum programa, se ela não estabelece uma topologia? A negação absoluta de uma tópica, de uma figuração ou de qualquer operação possível que *khôra* possa efetuar, faz dela um indesconstrutível. Derrida só o diz, de passagem, cinco anos depois em sua obra *Salvo o nome*. Ao falar da narrativa babélica (“construção e desconstrução, simultaneamente”), Derrida cita, obliquamente, o *lugar* babélico e “alguma coisa’ sem coisa”, “o lugar que dá lugar a Babel seria indesconstrutível, não como uma construção cujas fundações fossem seguras, ao abrigo de qualquer desconstrução interna ou externa, mas como o próprio espaçamento da desconstrução”.¹⁴ Enfim, Derrida sentiu a *necessidade* de construir um “indesconstrutível”, um antídoto contra o *queima-tudo*, contra a aceleração avassaladora da disseminação ou da demolição. Não poderia fazê-lo à maneira clássica, demarcando

¹³ Cf. DERRIDA. *Khôra*, p. 72.

¹⁴ DERRIDA. *Salvo o nome*, p. 71.

uma estrutura, um domicílio fixo, uma topologia. Isso colocaria abaixo todo o edifício da desconstrução. Ao falar sobre o *dom*, a *hospitalidade*, a *oferta*, a *política da amizade* e tantos outros temas que envolvem a ética, o pensamento da desconstrução cede ao imperativo que desloca o lugar da *errância*, mas não aos processos de nulificação absoluta.

O que “há” “ai” “não” “está”. *Khôra* nesse *lugar*. Um indesconstrutível construído por Jacques Derrida. Não é uma coisa, não está em um lugar, embora atue na “existência” sustentando um *lugar* de irrepresentabilidade radical, de uma im-possibilidade.¹⁵

Se não há a possibilidade de desconstruir sem uma parcela de construção, tampouco o contrário é sustentável, embora a recíproca não seja equivalente. No caso específico do percurso do pensamento derridiano, pode-se dizer que a inflexão varia de um momento a outro, embora a balança sempre penda, de forma incontestável, para o segundo termo da operação, isto é, a desconstrução.



ABSTRACT

This essay focuses on the concepts of *space* and *place* in contemporary literature under the perspective of Deleuze's thoughts, especially by his formulations about the processes of *desterritorialization*, *maps* and *folds*, as well as Derrida's concept of *khôra* (the *non-place* of language), one of the most complex reflections of deconstruction's theory.

KEYWORDS

Space. Place. Contemporary literature.

REFERÊNCIAS

- ANTELO, Raul. Sentido, paisagem, espaçamento. *Revista Margens/Márgenes*, Belo Horizonte, Buenos Aires, Mar Del Plata, Salvador, n. 5, p. 18-23, jul.-dez. 2004.
- DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: Papyrus, 1991.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1990.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1993.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salina Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1995. v. 2.

¹⁵ A propósito de *Khôra*, Evando Nascimento afirma: “Nenhuma das metáforas pode resolver as aporias do discurso, não porque a *khôra* seja inefável mas porque, fora do jogo metafórico e conceitual que em torno dela se entretetece, *ela não existe*. Se algo *há*, isso não se confunde com uma identidade qualquer como derivada de uma essência situada em algum lugar”. Cf. NASCIMENTO. *Derrida e a literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos de desconstrução*, p. 267.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: 34, 1997. v. 5.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. Trad. Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. Trad. Bento Prado Júnior, Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. 2. ed. Trad. Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- DERRIDA, Jacques. *Dissemination*. Trad. Barbara Johnson. Chicago: The University of Chicago, 1981.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2. ed. Trad. Miriam Chnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Khôra: ensaio sobre o nome*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Papyrus, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Papel máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *Salvo o nome*. Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papyrus, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- FOUCAULT, Michel. Of other places. *Diacritics*, New York, v. 16, n. 1, p. 22-27, spring, 1986.
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: "notas" de literatura e filosofia nos textos de desconstrução*. Niterói: Editora UFF, 1999.
- NOUZEILLES, Gabriela. Heterotopias en el desierto: Caillois y Saint-Exúpery en Patagônia. *Revista Margens/Márgenes*, Belo Horizonte, Buenos Aires, Mar Del Plata, Salvador, n. 5, p. 84-91, jul.-dez. 2004.